

ESTADO x CULTURA: O QUE SIGNIFICA PRIVATIZAR?

REINALDO MAIA

O discurso neoliberal que empolgou amplas camadas da população durante a campanha presidencial, chega às praias da Cultura. A ânsia modernista dos políticos coloridos anda maior que a ânsia dos "Moços da Semana de Arte Moderna". Afinal, se os chavões patrocinados pela indústria anticomunista não têm mais a ressonância que a classe dominante encontrou até os ventos da perestroika e da glasnost baterem à porta da URSS, necessária se faz a criação de outros *slogans* para substituir o discurso conservador da nossa elite.

Durante a campanha, com raras exceções, poucos foram os partidos políticos, com conhecimento de causa, que elaboraram um programa concreto para a área cultural. Não há por que não admitir essa verdade se queremos começar um novo período na vida política nacional. Esconder esse dado é tapar o sol com a peneira. O que se encontra muitas vezes, nos diferentes programas, é um palavreado bem intencionado, visando cooptar os artistas/intelectuais, mas muito pouco calcado na realidade da produção cultural do Brasil, que, convenhamos, com toda a sua extensão territorial e diversidade, fica um pouco difícil aglutinar em uma mesma política.

MODERNIZAÇÃO DO ESTADO

Assim como nas demais áreas da administração federal, pouco a pouco vão surgindo os teóricos coloridos da cultura. E todos, para não perderem o bonde da História, com o "estilo moderno" de pensar as coisas públicas.

O que torna a discussão interessante é que todos falam em modernização, mas poucos refletem como o aparelho burocrático nada mais é que o reflexo da sociedade que o erigiu e o sustenta. É como se quisessem curar a doença atacando apenas os seus efeitos colaterais. Por sinal, é sintomático que nas últimas entrevistas realizadas na Rede Globo, com personalidades de diferentes matizes ideológicos, a analogia da situação do país com doenças foi uma constante. Pelo menos nisso começa-se a ser mais realista. Falta saber para quem vai ficar a dose mais amarga do remédio.

Na Questão Cultural, o desconhecimento de suas doenças parece continuar a dificultar os diagnósticos dos pretensos "curandeiros modernos" de plantão. Concepções errôneas, exemplos pouco elucidativos, transposição de modelos de realidades muito distintas da nossa, doses de mau-caratismo, e assim vai a caravana da Modernização qual trator abrindo estrada na Floresta Amazônica.

A última novidade dos nossos mercantilistas de plantão é a descoberta da Lei do Mercado, passados 490 anos da nossa descoberta. Tudo parece de fácil solução ao se

aplicar seus mandamentos. Vamos torcer para que, passados alguns meses do novo governo, não passem a culpar a Lei de Gravidade pelos seus possíveis insucessos.

Com a justificativa da Modernização do Estado já se escreveram jóias do pensamento liberal. Para melhor entender esse pensamento novo, escolhamos, ao acaso, a que segue abaixo:

"O Brasil mergulha na década de 90 a bordo de uma angústia que se tem acentuado irreversivelmente: protagonista e palco de algumas das mais ricas manifestações culturais do planeta, continuamos órfãos de uma política clara de ação neste terreno. [...] Afinal, desde o início do ciclo militar, a criação cultural no país tem sido receptora de generosas dotações orçamentárias destinadas ao seu custeio indiscriminado. [...] Esta antipolítica gestada na fortuna de uma forma ao que aí está: teatros fechados, museus em estado de penúria, fundações capengas, uma estrutura paquidêmica, enfim, imobilizada pela falta de combustível econômico." (Candido José Mendes de Almeida, *Jornal do Brasil*, 17/01/90).

Se não fosse trágico seria cômico, como se diz no meio artístico. São tantos os paradoxos encontrados nos parágrafos acima, tantos os absurdos, que comentá-los seria tirar sua riqueza contraditória e didática do pensamento modernizante. O que diriam desse pensamento de política cultural dos anos de autoritarismo figuras como Heleny Guariba, Paulo Pontes e Oduvaldo Viana, que pagaram com a vida os desmandos desses tempos obscuros? O que fariam os milhares de profissionais e não-profissionais que insistem em continuar produzindo cultura?

O MERCADO

Diante de tão profunda análise surge a salvação. O Mercado aparece como o Deus pagão, acima da natureza, das leis profanas criadas pelo Homem, entidade metafísica capaz de propiciar a redenção das "Belas Artes". É essa a possibilidade que tem a Cultura de florescer e se desenvolver nestes tempos modernos.

A entidade "Mercado" só não dá conta da área patrimonial. Aliás, desde os tempos de Gustavo Capanema e da tentativa de Mário de Andrade, que tentou criar organismos públicos capazes de dar conta da Questão Cultural, que vigora esse entendimento "moderno". Mário de Andrade, entendendo a cilada que lhe preparavam, recolheu a sua atividade produtiva, achando que o Estado não estava preparado para gerir as coisas da cultura.

Ouseja, a divisão antiga permanece, tudo que é criatividade, transgressão, que tem como possibilidade de existên-

REINALDO MAIA É AUTOR E DIRETOR TEATRAL.

cia a relação contraditória, tensa, rebelde, que está em movimento, o Deus Mercado cuida. Tudo que é memória, patrimônio, estático, documento, arquivo, que não produz atrito, não gera controvérsia, o Estado gerencia. Qual é a diferença entre essa proposta atual e a política cultural levada pela ditadura militar desde 1964? Há uma diferença substancial que, se quisermos entender seu significado exato e moderno, temos que revelar. Após a promulgação da Nova Constituição, onde avanços significativos foram conquistados nos capítulos referentes aos direitos do cidadão, fica difícil exercer a Censura como se fez até recentemente. Os censores, funcionários públicos da Polícia Federal, estão sendo substituídos pelos agentes do Mercado, muito mais diáfanos e difíceis de serem combatidos. A máquina se aperfeiçoa, torna sutis suas manobras, mas continua atingindo os mesmos objetivos.

Num país cartorial como o Brasil, falar em Mercado é como que fazer um poema de métrica quebrada. Na área cultural essa discussão torna-se ainda mais difícil. Não se trata de uma posição "ideológica", de velhos preconceitos alimentados em tempos mais duros. Trata-se de tentar entender como se deu a acumulação capitalista neste setor da economia brasileira.

Deve-se entender Mercado pela capacidade que têm as classes dominantes de produzir, independentemente do Estado, sua cultura e sua diversão. Sentindo a derrocada da política oficial, das dificuldades que se apresentam, hoje, para se apoderarem do aparelho burocrático, como em anos de autoritarismo, abandonam a intermediação e passam a produzir diretamente seus espetáculos. Isso não é novidade. Basta lembrarmos o famoso ditado do Centrão da época da Constituinte: "É dando que se recebe!" Mas o que é o Mercado no Brasil nos anos 90?

EXACERBAÇÃO DO CAPITAL

A indústria cultural tem o monopólio da editoração e da mídia impressa a mídia eletrônica está nas mãos de alguns poucos privilegiados que fazem e desfazem a opinião pública no país. Esse é o Deus pagão que regerá e criará as condições para o florescimento da cultura. Essa concentração dos meios de comunicação, assim como do Capital, expressa-se melhor quando analisamos que em São Paulo os novos mecenas de plantão preparam-se para construir três novos espaços culturais, de grande porte, o que lhes dará auto-suficiência em relação aos equipamentos físicos, que ainda estavam nas mãos do poder público. Isto não é novidade. Bem antes da Lei 7.505 (Lei Sarney), a iniciativa privada já produzia a sua cultura e diversão. A lei em questão apenas tenta evitar uma evasão maior de impostos, legalizando a sua aplicação. Como esperar imparcialidade, quando tão poucos têm muito e muitos têm tão pouco? O máximo a que poderemos assistir nessa política é a exacerbação do Capital. O ápice de sua reificação. O lucro adquirindo sua face mais explícita de Totem sagrado, agora na cultura.

Mas o que é o Mercado para os desfavorecidos das benesses do Estado? Como fica toda essa periferia que não recebe o imprimátur dos meios de comunicação de massa? Continuarão a alimentar a lógica do Mercado e do Capital. Continuarão a ser o grande exército de reserva, o fornecedor de mão-de-obra barata, o grande mercado consumidor, a

A entidade "Mercado" só não dá conta da área patrimonial. Aliás, desde os tempos de Gustavo Capanema e da tentativa de Mário de Andrade, que tentou criar organismos públicos capazes de dar conta da Questão Cultural, que vigora esse entendimento "moderno".

grande massa transformada em espectadores da História. A perversidade do Mercado e do Lucro nem sempre se dá pelos monstros que criam para alimentar sua ganância por maiores lucros. A grande perversidade se dá por impossibilitar a existência da diversidade, da diferença, que sem sua sanção não tem a menor possibilidade de conquistar seu espaço e encontrar seu público. A mentira várias vezes reiterada torna-se verdade, diz o ditado popular. Assim se passa com a cultura, assim se passa com a vida.

É difícil para os "modernizadores" recentes, do Estado brasileiro abandonarem a teoria da dualidade do desenvolvimento econômico do país. Por mais que a sociologia tente explicar ser essa dualidade condição *sine qua non* para o próprio desenvolvimento capitalista do Brasil, de efeitos dramáticos, a teorização dos novos arautos está impregnada dessa "verdade", que tentam escamotear com novas ideologias.

De um lado o Brasil moderno, para as elites econômicas, com tudo a que teriam direito se vissem em um país do Primeiro Mundo; para a grande massa, o atraso. A dominação não se dá mais através do cerceamento policial da livre expressão, mas pelas leis do Mercado, que tem na classe dominante o grande potencial consumidor. A estética substituída pela mercadologia. Crença, aliás, que muitos criadores parecem acreditar ser a nova verdade. Deixamos a imposição das posições políticas, como balizamento de nossas escolhas artísticas, para nos submetermos à ditadura da bilheteria. Ainda para ficar no exemplo da cidade de São Paulo, pode-se citar o avanço que tem tido o teatro de sexo explícito. O seu crescimento está diretamente ligado à demanda de um mercado existente. Dentro da nova teoria, para a administração pública, sexo explícito é cultura!

Uma política coerente para quem quer instaurar uma nova forma de dominação da sociedade. Por mais que tenha mudado o mundo, com as transformações por que passam os países do Leste europeu; por mais que não se queira ideologizar as escolhas políticas, como prega o pragmatismo neoliberal não podemos deixar de constatar que uma forma eficiente de dominação ainda é o poder que emana de quem detém a informação. E a Cultura, através de suas diferentes formas de manifestação, ainda é um meio de informação e de conhecimento. Submetê-la às leis do mercado é continuar a cercear a livre manifestação, a pluralidade cultural, com meios mais eficazes e menos brutais. Mas os resultados para a sociedade são os mesmos.

Novamente estão aprisionando Prometeu. Só que pelas leis do Deus pagão chamado Mercado. O trágico é que a violência vem transmudada em Modernidade, num país onde grassam o analfabetismo e a miséria.